

Ed.
Transpondo

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LEITURA

**Regina Pahim Pinto
Da Fundação Carlos Chagas**

E

sta comunicação é parte de um estudo mais amplo que discute a questão da democratização da escola, com base numa análise da representação de algumas categorias sociais, em livros didáticos de leitura (Pinto, 1981). Basicamente, esse estudo partiu do seguinte problema: como a instituição escolar, inserida numa sociedade dividida e desigual, mas que articula o discurso da igualdade, condenando qualquer tratamento desigual e discriminatório, vem lidando com as diferenças sociais, entre as quais, as diferenças étnicas.

Para responder a esta questão, analisou-se, através da técnica de análise de conteúdo, uma amostra de 48 livros de leitura para a 4ª série do 1º grau, sorteados de listas publicadas anualmente pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no período de 1941 a 1975, com o objetivo de orientar as escolas públicas e particulares na escolha desses livros.

A análise da representação das categorias étnicas foi empreendida a partir de um estudo dos personagens que aparecem tanto no texto como nas ilustrações desses livros. Procurou-se apreender, nesse universo pictórico, a importância atribuída aos personagens, através de indicadores específicos à linguagem pictórica e literária, e o seu universo sócio-cultural, através de atributos indicadores das suas

características demográficas e sociais, da sua atividade profissional e escolar, vida familiar e dos seus comportamentos.

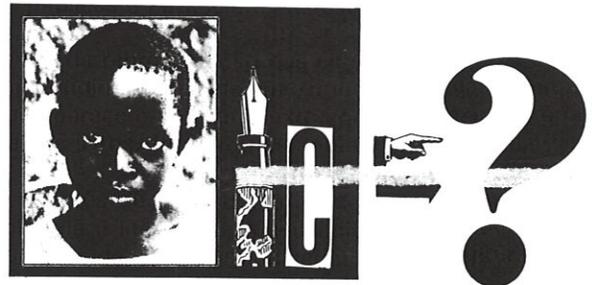
Ao todo, foram analisados 1.378 (hum mil trezentos e setenta e oito) personagens ilustrados e 4.449 (quatro mil quatrocentos e quarenta e nove) personagens descritos em 531 (quinhentas e trinta e uma) histórias que integram esses 48 livros. Descreveremos, a seguir, alguns resultados obtidos nessa pesquisa relativos ao tratamento dado ao personagem na ilustração e no texto (ver tabelas no final).

Ilustração

Comparando-se personagens brancos, negros e mestiços, observa-se que praticamente todos os itens indicadores de uma posição de destaque na ilustração privilegiam os personagens brancos. Eles são mais frequentes, desempenham a função de representantes da espécie (os coletivos e multidões são homoganeamente brancos), ocupam posição de proeminência nas ilustrações que retratam grupos de personagens e são os mais ilustrados nos locais privilegiados do livro. A pouca evidência de personagens negros e mestiços transparece na frequência muito baixa, na inexistência de grupos e multidões negras, bem como na quase ausência de personagens negros e mestiços ilustrados na capa ou ocupando posição proeminente na ilustração, quando em companhia de outros.

O tratamento estético dispensado aos personagens, também confirma a importância do branco e contribui para reforçar os estereótipos e certas imagens associadas ao negro e ao mestiço, que são os mais frequentemente representados de forma grotesca e estereotipada. Por exemplo, nesses livros não aparece a mulher negra, mas a doméstica negra, representada de maneira estereotipada: físico avantajado e traços negróides extremamente marcados.

Os personagens brancos também são mais diversificados e exercem uma gama maior de atividades ocupacionais. Enquanto os brancos exercem 36 tipos de atividades ocupacionais, os negros e mestiços aparecem, respectivamente, em apenas nove e cinco tipos de atividades diferentes. Além do mais, as atividades mais frequentes entre os brancos são aquelas que denotam maior prestígio e poder, enquanto que as funções mais humildes são desempenhadas, predominantemente, por personagens negros e mestiços.



Texto

No texto, praticamente se repete o que ocorre na ilustração. A presença marcante dos personagens brancos é apenas um indício da sua importância, que se confirma através de vários outros indicadores. À cor branca, se atribui o estatuto da normalidade e da universalidade, pois, quando o personagem é branco, mais freqüentemente se omite a informação sobre sua cor. A condição de representante da espécie transparece, também, quando se consegue detectar, através de meios indiretos, que as multidões ou grupos que não tiveram sua cor explicitada são brancos.

Há, inclusive, uma maior proporção de personagens históricos e famosos entre os brancos do que entre os negros, enquanto que, entre estes, há uma maior proporção de personagens folclóricos. Ainda, os brancos tendem a desempenhar os papéis de destaque, e os negros aparecem mais freqüentemente como coadjuvantes e figurantes nas estórias.

O tratamento dispensado aos personagens brancos é mais diferenciado, pois maior proporção deles são denominados através de um nome próprio, enquanto que a perda da individualidade também ocorre de maneira diversa: os negros e mestiços são denominados, principalmente, através da etnia, enquanto que os brancos, pelos atributos familiares.

Finalmente, a categoria vida e morte, confirma a importância dos personagens brancos. Entre estes, há um maior percentual de personagens vivos ou atuando como tal, enquanto que os negros e mestiços têm a maior proporção de mortos, portanto, personagens com pouca possibilidade de atuação na narrativa. É importante salientar que os negros, em comparação com os demais, são os que apresentam o maior percentual de personagens negativos.

Do mesmo modo, quando se analisam as características demográficas e sociais e a atividade profissional e escolar, observam-se diferenças. Os personagens brancos são bastante diversificados, assumem diferentes nacionalidades, atuam em todos os contextos, praticam diversas religiões e exercem atividades profissionais bastante variadas, concentrando-se, porém, nas profissões de maior prestígio e poder.

Já os personagens negros e mestiços, além de menos diversificados e menos trabalhados no plano do texto, são revestidos de atributos que reforçam imagens negativas e estigmatizantes. Assim, a etnia negra, em comparação com as demais, é mais freqüentemente caracterizada como pobre; quase não aparece freqüentando a escola e tem poucas opções profissionais (exerce apenas 13 tipos de profissões enquanto a branca desempenha 83 profissões diferentes), ocupando-se principalmente nas atividades mais humildes, isto quando não lhes é negado o status de trabalhador livre, pois sua "profissão" mais freqüente é a de escravo. Além disso, o negro raro aparece vivo no ambiente em contexto familiar.

Os mestiços presentes nos livros de leitura, ou são personagens que se destacaram na vida política e literária brasileira (por isso mereceram biografias), ou

então, são personagens humildes (em comparação com as outras etnias, eles e os negros têm o maior percentual de pobres). Deste modo, a sua atividade escolar ocorre quase que exclusivamente no passado (são os personagens biografados que freqüentaram a escola), além de se concentrarem nos extremos da escala profissional. Nos postos superiores predominam os escritores, deputados, em geral, biografados.

É importante ressaltar que, praticamente, não encontramos nos livros analisados uma defesa explícita do preconceito. Pelo contrário, no nível mais explícito, que se configura pela declaração de intenções, detectadas nos princípios emitidos e na estrutura demonstrativa das estórias, percebe-se a intenção de fazer do livro um veículo de abertura, de formação de uma consciência democrática. Entretanto, quando a análise desce ao nível menos explícito, que se consegue captar principalmente através de uma decodificação da mensagem, da relativização dos seus diversos aspectos, bem como da maneira como eles se relacionam e se inserem no todo, percebe-se um descompasso entre aquilo que se proclama como objetivo e aquilo que se concretiza de fato, através da criação dos personagens.

Daí a necessidade de se alertarem os responsáveis pela produção de livros didáticos, bem como professores e alunos para a presença destas distorções e omissões: é urgente que se atue na formação dos professores para que eles se sensibilizem para estas questões e possam levar os seus alunos a se tornarem críticos desses materiais instrucionais.

Estudos que se interessaram em analisar como a escola vem lidando com as diferenças étnicas têm chamado a atenção para a falta de preparo dos professores e para a sua dificuldade em enfrentar a questão do preconceito e da discriminação, inclusive, pela inexistência de material de apoio que os auxilie nesta tarefa.

Portanto, criar materiais didáticos não discriminatórios é uma tarefa urgente e necessária para que os ideais de uma educação democrática possam se concretizar. Tarefa esta que se faz mais necessária, uma vez que o livro ainda é o material didático mais utilizado nas nossas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PINTO, R.P. *O livro didático e a democratização da escola*. São Paulo, 1981. Dissert. (mest.) FFLCH/USP.
- PINTO, R.P. & MYASAKI, N. A escola e a questão da pluralidade étnica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (55):3-17, nov., 1985.

Tabela 1

Distribuição percentual dos personagens na ilustração por indicadores de importância e trabalho ocupação, segundo cor – etnia

Indicadores		Personagens na ilustração		
		Cor – etnia		
		Branca % (n = 1099)	Negra % (n = 36)	Mestiça % (n = 19)
Importância	Individualidade			
	Indivíduo	98,4	100,0	100,0
	Multidão	1,6	—	—
	Local de apresentação (1)			
	Capa	9,5	2,8	—
	Corpo do livro	90,0	97,2	100,0
	Proeminência			
	Proeminente	16,3	2,8	10,5
	Não proeminente	25,4	19,4	10,5
	Isolado	17,7	25,0	31,6
Equivalente	40,7	52,8	47,4	
Trabalho/Ocupação	Agrupamentos de profissões (1, 2)			
	Posição de poder	36,7	—	33,3
	Transporte	14,5	26,7	33,3
	Serviços	3,4	13,3	16,7
	Rural	14,5	26,7	16,7
	Operário	2,9	6,7	—
	Artesão	4,8	—	—
	Liberal - Intelectual	10,6	—	—
	Artista	2,9	—	—
	Extração	5,3	13,3	—
	Comércio	1,9	6,7	—
	Acessórios			
	Profissional	5,9	22,2	10,5
	Doméstico	1,3	8,3	10,5
	Agressivo - Bélico	8,2	—	10,5
	Profissional e Bélico	0,1	—	—
	Instrumento de caça	0,9	—	—
Não usa acessórios	83,6	69,4	68,4	
<i>Presença da cor – Etnia % (n = 1378) (1)</i>		79,8	2,6	1,4

NOTA: 1. A soma dos percentuais em alguns segmentos de coluna não atinge 100%, porque destacamos apenas as categorias mais relevantes para efeito de comparação entre as etnias. Na última linha, os percentuais também não atingem 100% porque não transcrevemos do original as colunas dos personagens que não se enquadram nas etnias branca, negra e mestiça.

2. No cálculo dos % foram corrigidos os totais de alguns indicadores pela exclusão de casos de "não se aplica".

FONTE: Pinto, 1981.

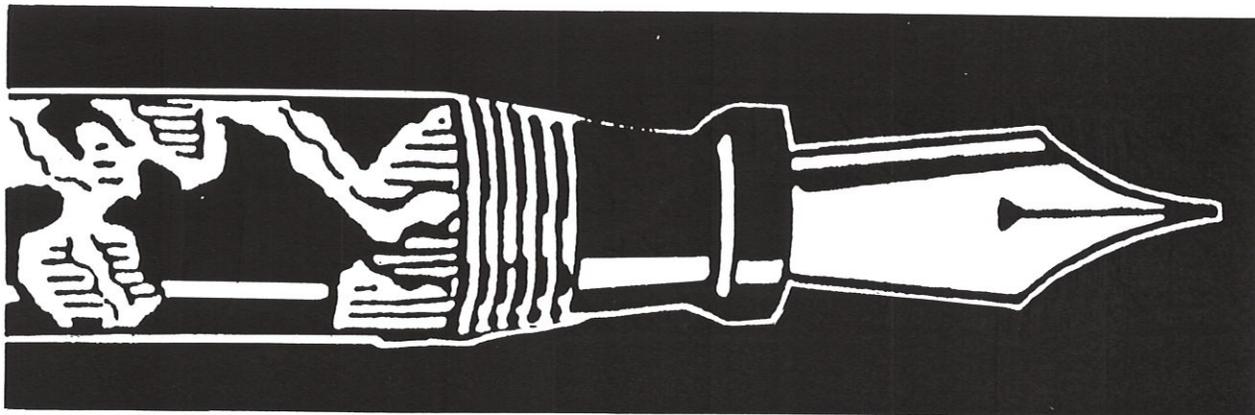


Tabela 2

Distribuição percentual dos personagens no texto por indicadores de importância, características demográficas e sociais e atividades profissional e escolar, segundo cor – etnia

Indicadores		Personagens no texto		
		Cor – etnia		
		Branca % (n = 1069)	Negra % (n = 108)	Mestiça % (n = 33)
Importância	Natureza (1)			
	Humana (ficcional)	35,4	41,7	36,4
	Humana (histórica)	41,1	45,4	51,5
	Humana (famoso)	15,6	3,7	12,1
	Religiosa	4,4	0,9	—
	Folclórica	2,1	7,9	—
	Individualidade (1)			
	Indivíduo	93,2	48,1	56,3
	Multidão	5,3	50,0	43,8
	Papel desempenhado			
	Principal	33,0	22,2	47,4
	Secundário	19,0	18,5	10,6
	Terciário	45,2	55,6	36,8
	Único	2,9	3,7	5,3
	Nome (1)			
	Próprio	81,8	66,0	94,7
	Profissão	3,9	9,4	—
	Etnia	0,4	11,3	5,3
	Função familiar	4,5	7,5	—
	Vida e Morte (1)			
	Vivo	94,4	92,4	84,2
Morre durante a estória	4,4	1,9	10,5	
Condição de morto	1,1	3,8	5,3	
Valor				
Positivo ou neutro	97,5	96,3	100,0	
Negativo	1,8	3,7	—	
Evolui de negativo para positivo	0,5	—	—	

(cont.)

Tabela 2 (Continuação)

Distribuição percentual dos personagens no texto por indicadores de importância, características demográficas e sociais e atividades profissional e escolar, segundo cor – etnia

Indicadores		Personagens no texto		
		Cor – etnia		
		Branca % (n = 1069)	Negra % (n = 108)	Mestiça % (n = 33)
Características Demográficas e Sociais	Nacionalidade (1)			
	Não estrangeiro	64,5	84,3	90,9
	Estrangeiro no Brasil	10,4	9,3	—
	Estrangeiro fora do Brasil	19,7	1,9	—
	Contexto geográfico (1,2)			
	Meio urbano	30,4	22,5	33,3
	Meio rural	6,6	25,0	—
	Natureza aberta	0,9	2,5	—
	Situação econômica (1,2)			
	Rico	3,4	2,4	6,7
	Pobre	4,1	9,7	6,7
	Rico evolui-pobre	0,4	—	—
	Pobre evolui-rico	0,6	—	—
Religião (1)				
Católica	13,3	9,3	—	
Cristã não católica	0,1	—	—	
Judaica	0,5	—	—	
Outras	1,8	—	—	
Atividades Profissional e Escolar	Grupos profissionais (2)			
	Altos cargos pol. adm., propr. empresas	34,9	6,9	22,2
	Prof. liberais, cargos gerência, propr. med.	26,7	3,4	44,4
	Posições supervisão inspeção, peq. propr.	3,7	—	—
	Ocupações não manuais de rotina	2,3	1,7	—
	Supervisão de trabalho manual	1,8	—	—
	Ocupações manuais especializadas	1,2	1,7	—
	Ocupações manuais não especializadas	8,7	82,9	27,8
	Funções religiosas	19,5	3,4	5,5
	Ocupações esotéricas	1,2	—	—
	Estrato social (2)			
	Superior	75,8	10,3	72,2
	Médio	12,3	5,2	—
Inferior	11,8	84,5	27,8	
Atividade escolar				
Não estuda	90,8	96,3	93,7	
Estuda ou estudou	9,2	3,7	6,2	
<i>Presença da cor – Etnia % (n = 4449) (1)</i>		24,0	2,4	0,7

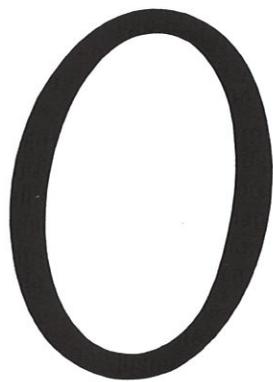
NOTA: 1. A soma dos percentuais em alguns segmentos de coluna não atinge 100%, porque destacamos apenas as categorias mais relevantes para efeito de comparação entre as etnias. Na última linha, os percentuais também não atingem 100% porque não transcrevemos do original as colunas dos personagens que não se enquadram nas etnias branca, negra e mestiça.

2. No cálculo dos % foram corrigidos os totais de alguns indicadores pela exclusão de casos de "não se aplica".

FONTE: Pinto, 1981.

O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DOS AGENTES DE PASTORAL NEGROS

Vera Regina Santos Triumpho da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e dos Agentes de Pastoral Negros/RS



O objetivo da reflexão deste trabalho é analisar a nossa presença negra nos livros didáticos e como nós, Agentes de Pastoral Negros¹, estamos agindo para que haja uma modificação no quadro que se apresenta. O problema racial no Brasil é sempre velado, mas ele está aí, óbvio... Não adianta querer nos convencer de que não há problema racial em nosso país. A prática que prevalece mostra o contrário. Nós negros, marginalizados em todas as áreas da sociedade brasileira, desde a religião até a política, somos também discriminados na área educacional. Tomemos apenas como exemplo os livros didáticos de diferentes matérias como Comunicação e Expressão, Matemática, História, Educação Moral e Cívica e, também, os manuais de Catequese.

Os livros didáticos são o principal instrumento de aprendizagem do alunado brasileiro no ensino formal. Assim, o seu conteúdo atinge, embora de modo diferente, tanto aos alunos negros como aos alunos brancos, reforçando a imagem de que nós, negros,

somos seres humanos menores e os brancos são superiores.

Trazemos a seguir alguns exemplos do que pode ser encontrado em livros didáticos. A análise que procedemos faz parte da busca de maior respeitabilidade para com nossa comunidade negra, nossa cultura, nossa história, nossos valores, nossos costumes e, conseqüentemente, nossa maneira de ser negro brasileiro.

Começamos, então, pela história brasileira. Que livro didático mostra os quilombos como uma organização política, social e econômica, primeira experiência socialista realizada no Brasil? Que livro didático valoriza, no período do Brasil-Colônia, a magnífica obra realizada pelo braço negro nas cidades históricas? Que livro didático salienta que Ouro Preto, considerada pela UNESCO Patrimônio Histórico Mundial, conquistou este título graças à participação de negros e mestiços na gigantesca obra artística que ali ficou? Que livro didático apresenta as religiões africanas como as únicas que aqui chegaram no período colonial e não foram coniventes com a escravidão? Que livro didático analisa a realidade do escravo libertado que, por falta de terras, não pode permanecer trabalhando na agricultura e foi obrigado a migrar para a vida urbana e aí viver de forma desumana, nos cortiços, desempregado, marginalizado? Que livro didático leva o leitor a compreender que a divisão entre as classes sociais em nosso país sempre foi profunda e que a cor negra da pele rotula como incompetentes, preguiçosos homens e mulheres negros, acentua a divisão, fazendo com que os problemas de classe se confundam com os problemas de cor? Onde estão os nossos heróis negros? Onde estão as nossas mulheres negras, as verdadeiras heroínas que garantiram a sobrevivência da família negra, após a Abolição?

A marginalização de nossa comunidade negra na sociedade não é vista, até hoje, como conseqüência de um processo histórico e, sim, tendo nossa própria raça negra como causa dessa situação. Nós negros, somos considerados malandros, preguiçosos, com pouca inteligência, pobres e infelizes...

Essa negatividade contra nós, negros, foi e ainda está sendo transposta para os livros didáticos, justamente por ser o pensamento da sociedade dominante.

Se os textos nem sempre revelam explicitamente este modo como, nós, negros, somos vistos, as ilustrações, por outro lado, não deixam margem a dúvidas. Por exemplo, uma figura representando um grupo de crianças resolvendo um problema de matemática: as crianças brancas têm os olhos vivos de quem sabe como fazer, enquanto que a negrinha é

¹ Os Agentes de Pastoral Negros são pessoas engajadas na comunidade negra que lutam contra toda forma de racismo. A partir de sua própria identidade de fé, os Agentes de Pastoral Negros unem-se a todas as instituições e movimentos que lutam pela mesma causa, empenhando-se em colaborar para a unidade da comunidade negra, sem nenhuma preocupação de fazer adeptos de fé.

≈ Mônica Lima

A África na sala de aula

Obrigatoriedade de ensinar história e cultura africanas é o novo desafio dos professores brasileiros



No dia 9 de janeiro de 2003, foi aprovada a Lei nº 10.639, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras nos níveis fundamental e médio. Os currículos deverão incluir “o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política (...)”

Por que uma lei para fazer valer conteúdo tão fundamental na história, especialmente na história nacional? O fato é que nossos antigos historiadores trataram indevidamente, ou ignoraram, a participação africana em nossa formação, influenciados por preconceitos originários da sociedade escravista, entre os quais os ideais de *branqueamento* da população brasileira nutridos, desde meados do século XIX, por boa parte das elites nacionais.

Essa ideologia foi tão forte que mesmo a intelectualidade mais progressista custou a reconhecer a *questão africana* na nossa história. Acreditava-se que a luta dos africanos deveria ser estudada dentro da “luta dos dominados”, ou seja, segundo a sua condição de trabalhadores explorados. Nesta ótica, a África continuava fora da história: na história do Brasil, era apenas o lugar onde se buscavam os escravos; na história geral, o cenário da expansão colonial. Quanto aos afrodescendentes figuravam apenas como escravos que davam duro nas lavouras e minas.

nos serviços
da exploração
ou que fugiam
No século XIX
serem libertado
ta, para se torn
guinte, parte
dora. Em algu
recem como
popular, o sar
outra manifest
conhecida; em
ser representa
gens como Zu
do, mas, com
em breves p
parciais – as d
rados e, mesm
derrotados –
trução da auto
ta de se identifi

Os estudos
visão, mas é pr
salas de aula. A
que a universid
bém, de ignora
ria será esta, se
sores em ativid
Quais serão no
teúdos, aborda
esta história é
trução da iden
tamos diante d
Quem somos?

Não há cor
canidade sem
história da
tempo, é neces
dos preconce
(olhar um po
lores de outr
lugar atrasad
– e deixar de
papel de viti
capitalismo,
–, atitude que
tos de impoté

O fato obj
sos terem s
agentes exter
com agentes

nos serviços domésticos, vítimas da exploração de fundo capitalista, ou que fugiam para os quilombos. No século XIX, voltam à cena ao serem libertados do jugo escravista, para se tornarem, no século seguinte, parte da massa trabalhadora. Em alguns livros, ainda aparecem como agentes da cultura popular, o samba, a capoeira ou outra manifestação cultural mais conhecida; em outros, chegam a ser representados por personagens como Zumbi e João Cândido, mas, com algumas exceções, em breves passagens. Imagens parciais – as de oprimidos, explorados e, mesmo quando rebeldes, derrotados – que inibem a construção da auto-estima. Quem gosta de se identificar com elas?

Os estudos recentes mudam esta visão, mas é preciso saber levá-la às salas de aula. Antes, ainda, é preciso que a universidade deixe, ela também, de ignorar o tema. Que história será esta, se a maioria dos professores em atividade não a conhece? Quais serão nossos objetivos, conteúdos, abordagens? E se resgatar esta história é matéria para a construção da identidade brasileira, estamos diante de um desafio maior: Quem somos? O que desejamos ser?

Não há como recuperar a africanidade sem conhecer a própria história da África. Ao mesmo tempo, é necessário despirmo-nos dos preconceitos etnocêntricos (olhar um povo ou etnia com valores de outro) – a África como lugar atrasado, inculto, selvagem – e deixar de ou supervalorizar o papel de vítima – do tráfico, do capitalismo, do neocolonialismo –, atitude que alimenta sentimentos de impotência e incapacidade.

O fato objetivo de povos diversos terem sido espoliados por agentes externos, compactuados com agentes internos, não pode ser negado. Mas não dimensioná-

lo em seu tempo e em suas implicações dentro da própria África acaba por fortalecer a idéia de que os africanos foram somente vítimas de um destino cruel, e não sujeitos de processos históricos complexos em que desempenharam outros papéis. Superar essa construção simplificada requer muito estudo, além de ampla divulgação do conhecimento. Quanto mais gente souber, melhor! Como diz a canção de Chico César: “Mais forte que o açoite dos feitores/ São os tambores”.

De outra parte, cabe lembrar que é quase impossível falar da África no singular, de *uma* só África no Brasil: são muitas as origens, as trajetórias, as culturas. A própria noção de “africano” não existia entre os escravos até o século XIX. A identidade de cada povo, que o mundo escravocrata dissolvia, ainda assim prevalecia sobre a idéia da identidade africana, da África como terra de todos. Esta só se desenvolveria na própria África nos séculos XIX e XX, a partir das lutas de independência, que, por sua vez, culminariam, mais adiante, em ideários como os da negritude e do pan-africanismo.

Não podemos perder de vista essas histórias compartilhadas em longos períodos. Nas grandes áreas geoculturais e lingüísticas, há africanidades profundas, da mesma forma que, no Brasil, povos diferentes criaram vocabulários e formas próprias de comunicação. Somente novas pesquisas podem revelar essas múltiplas Áfricas no Brasil. Mas há também que despertar curiosidade e admiração, trazer essas Áfricas para os espaços cultu-



Um erro seria folclorizar a África, apresentando-a apenas como a terra da macumba, da capoeira e do tambor

rais e educativos, como já se tem feito, aliás. Ler, mas também escutar, ver, participar e perceber o quanto as trazemos dentro de nós. Despertar

o orgulho da africanidade, de nossos heróis, não apenas os famosos – Zumbi, os Rebouças, João Cândido –, mas também os pouco conhecidos – Manuel Congo, Luíza Mahin – e os desconhecidos – os Antônios Minas, as Marias Cabindas, as Joanas Crioulas. Também não podemos mais passar em nossas aulas informações folclorizadas ou idealizadas. Nem repetir modelos – a África apenas como a terra da macumba, da capoeira, do tambor.

O que está em jogo, mais do que a competência, é o nosso compromisso. Além de nos atualizarmos, vamos também cobrar das autoridades: foi estabelecida uma obrigatoriedade, mas isso não basta. Estudantes universitários, militem pela inclusão efetiva desses assuntos nos currículos de suas fa-

Acima: estatuária de Ife, Nigéria, representando um rei, feita entre os séculos XII e XIV. No Brasil, tornou-se representação de Zumbi, símbolo de uma identidade afro-brasileira forjada a partir da opressão e da exclusão social

Na página anterior: alegoria da África do início do século XVIII. O fausto das sociedades africanas atraiu o interesse dos europeus desde a Antigüidade

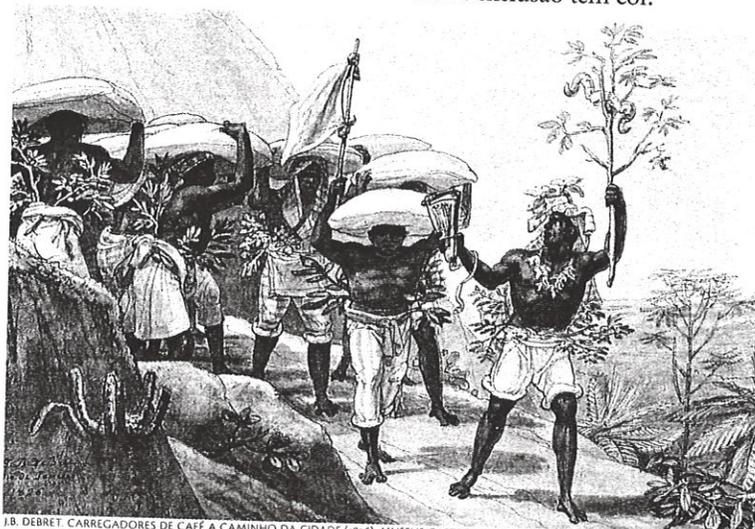
Carte de l'Atlantique, de Domingos Sanches, de 1618: a presença ibérica é assinalada na representação do continente africano, assim como sua variedade cultural

No centro da página ao lado: grupo de árabes fotografados no Egito por volta de 1870. Politicamente redesenhado por conta da colonização europeia, o continente africano merece lugar de destaque na história da humanidade

Debret retratou, no século XIX, o dia-a-dia dos escravos no Brasil. Ainda que submetidos às regras do regime servil, os africanos e seus descendentes imprimiram em suas atividades uma humanidade que lhes era própria

cidades: professores, solicitem da rede de ensino a realização de cursos – isto já é realidade em alguns municípios. Busquem e criem novos espaços de estudos e pesquisas.

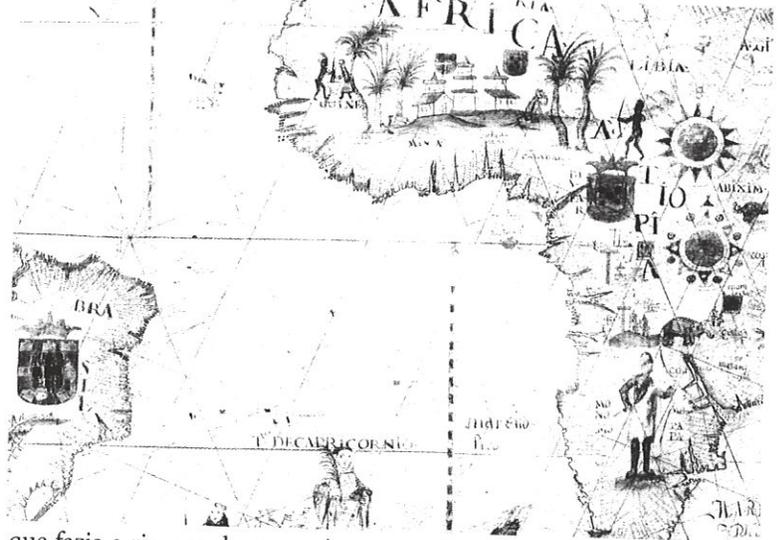
Muito já pode ser feito na sala de aula, independentemente de decisões institucionais. No ensino fundamental, trabalhar com lendas, contos, cantigas, brincadeiras. Nas aulas de Integração Social, falar da presença africana na música, nas festas, no vocabulário, na alimentação. No segundo segmento do primeiro grau, trabalhar a “Pré-História” – sem deixar de questionar o termo, pois não é a escrita que cria a história – como o tempo do processo de hominização, que se deu primeiro na África. Não deixar passar o esplendor do Antigo Egito, sem lembrar que este fica na África, algo óbvio, mas que acaba esquecido. Falar também dos grandes reinos africanos que, no período correspondente à Idade Média europeia, ergueram cidades, com universidades, bibliotecas, contatos com o Oriente e Europa – e que tanto encantaram viajantes como despertaram a cobiça de outros povos com suas minas de ouro: “Falar em ouro na Europa medieval era falar da África”, escreveu o historiador francês Pierre Vilar. E ao tratar do tráfico de escravos, mercadoria



J.B. DEBRET. CARREGADORES DE CAFÉ A CAMINHO DA CIDADE (1826). MUSEUS CASTRO MAYA - IPHAN/MINC

ÁFRICA

DOMINGOS SANCHES. CARTE DE L'ATLANTIQUE. BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS. (1618)



que fazia a riqueza de comerciantes, não esquecer da outra riqueza, a espiritual, que não se mede em ouro, trazida “lá de longe”.

No ensino médio, situar o surgimento do racismo como projeto científico e político, utilizando estratégias que permitam aos alunos desconstruir e reconstruir idéias mediante pesquisas orientadas, júris simulados, dramatizações. Debater as formas do colonialismo europeu na África, as transformações que operou – discutir fronteiras, territórios e conflitos, temas da história contemporânea. E, articulando com a nossa história, assinalar a fratura exposta da desigualdade racial brasileira. Nunca é demais repetir: nossa pobreza tem cor, nossa exclusão tem cor.

Outro ponto fundamental é destacar aspectos da afro-americanidade, introduzindo elementos que aproximam e diferenciam a história dos afrodescendentes em todo o continente. Temos uma história comum não apenas entre África e Brasil, como entre os africanos e seus descendentes no Novo Mundo. Mas também nos unem as reflexões necessárias sobre os projetos de identidades nacionais no continente. Os currículos devem aprofundar a percepção destes processos na história da América. Trata-se, enfim, de resgatar a África e africanizar a história do Brasil: além do *sentimento* de um passado comum, consolidar um *conhecimento* libertador. Pois, como ensinam os versos de Antônio Jacinto, poeta e militante angolano,

“O ritmo do tantã não tenho
no sangue
nem na pele
tenho o ritmo do tantã
sobretudo
mais no que pensa”
 (“O Ritmo do Tantã”)

MÔNICA LIMA é professora de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutoranda em História na Universidade Federal Fluminense.

Marcus Venicio Ribeiro

Uma história em que entrem todos

Berço das mais antigas civilizações, o continente africano, desde a desertificação da região do Saara no II milênio a.C., ficou dividido em duas grandes áreas: a África Mediterrânea, ao norte, e a África Sul-saariana, conhecidas vulgarmente como África Branca e África Negra e ligadas apenas pelo Vale do Nilo.

Só a primeira, a África Mediterrânea, manteve contatos mais freqüentes com outros povos, entre os quais os fenícios, romanos, bizantinos e árabes. Estes últimos, do século VII d.C. em diante, introduziram o islamismo na África do Norte e estabeleceram, no sul, um intenso comércio com sociedades tribais e com os reinos de Gana, Mali, Songhai, além dos impérios de Aksun (atual Etiópia) e Monomotapa, a leste. Uma das maiores demonstrações da importância desses impérios foi a cidade de Tombuctu, capital do reino Mali, que se tornou um centro econômico e intelectual comparável às mais prósperas cidades européias da época.

A partir do século XV, com a expansão marítima européia, a história africana mudaria profundamente. Em 350 anos a África forneceria cerca de 12 milhões de escravos para a América, dos quais 4 a 5 milhões para o Brasil, no maior deslocamento forçado de população ocorrido na história. E nas últimas décadas do século XIX, o continente seria objeto de nova etapa da exploração colonial, sendo retalhado, subjogado e intensamente explorado pelas potências européias. Hoje, com as lutas de independência, o continente abrange 53 países, com 800 milhões de habitantes e mais de uma centena de ricas culturas.

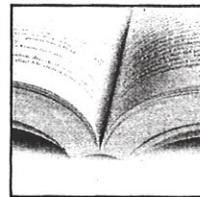
Essa história, assim como a das demais civilizações não-ocidentais, foi, no entanto, sistematicamente ignorada no Ocidente. Movida pelo desejo de

lucro e poder, a Europa moderna fez seus “descobrimientos”, mas também deu início, na expressão do pensador mexicano Leopoldo Zea, ao *recobrimento* das outras civilizações (ameríndias, islâmica, indiana, chinesa), negando ou destruindo maneiras diferentes de pensar e de viver.

Esse recobrimento abriu caminho para o capitalismo e a “ocidentalização” de boa parte do mundo como também influenciou na maneira de se contar a história da humanidade. A mais forte dessas influências foi a ilusão de que, desde a civilização clássica (greco-romana) até o início da Idade Moderna, as civilizações não-ocidentais não existiam. Daí a periodização da história criada por historiadores franceses e adotada em diversos países, inclusive o Brasil: *Idade Antiga* (única que trata de civilizações orientais, mas todas desaparecidas), *Idade Média* (nascimento da civilização ocidental e cristã, a cristandade) e idades *Moderna* e *Contemporânea*, cujo protagonista é o Ocidente (Europa e Estados Unidos).

Assim, além do estudo da África, de suma importância para a compreensão do Brasil, um novo programa para o ensino da história, como já indicaram historiadores da importância de Arnold Toynbee e Fernand Braudel, deveria ser multicivilizacional, isto é, destinado a recuperar a trajetória e os saberes das grandes culturas. Uma “história planetária”, na expressão de Roger Garaudy, no livro *O ocidente é um acidente*, que torne possível conhecer e respeitar as diferenças entre os povos. Não é este um dos mais nobres objetivos do ensino da história? ■

MARCUS VENICIO RIBEIRO é professor de História no ensino fundamental e médio, editor de texto de *Nossa História* e co-autor de *História da Sociedade Brasileira*. RJ: Ao Livro Técnico, 1996.



Para saber mais

COSTA E SILVA, Alberto. *A enxada e a lança. A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

OLIVER, Roland. *A experiência africana. Da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

PRIORE, Mary del e VENÂNCIO, Renato P. (orgs.). *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. RJ: Elsevier, 2004.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil. A história do levante dos malês*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, (reedição ampliada).

SLENNES, Robert. *Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Tombuctu vista por René Caillé, século XIX: a capital do reino Mali alcançou esplendor econômico e intelectual comparável aos grandes centros da Europa

